

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SOBRE O USO DE TORREÕES NAS MURALHAS DE RECINTOS FORTIFICADOS DO 3.º MILÉNIO A. C.**

BLANCE, Beatrice

Ano: 1957 | Número: 67

---

### **Como citar este documento:**

BLANCE, Beatrice, Sobre o uso de torreões nas muralhas de recintos fortificados do 3.º milénio a. c. *Revista de Guimarães*, 67 (1-2) Jan.-Jun. 1957, p. 169-177.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sobre o uso de torreões nas muralhas de recintos fortificados do 3.º milénio a. C.

Por BEATRICE M. BLANCE, M. A.  
da Univ. de Edinburgh.

---

As conexões culturais entre o Mediterrâneo Oriental e a Península Ibérica, durante o período Eneolítico, são verdadeiramente obscuras e ambíguas, motivo pelo qual a maior parte das tentativas para se fixarem quaisquer afinidades entre essas regiões não têm conduzido a resultados inteiramente satisfatórios e concludentes. Contudo, a recente publicação do Relatório da 19.ª campanha de escavações em Vila Nova de S. Pedro (1), veio trazer-nos um testemunhodesse contactos com o Oriente, na parte que diz respeito ao uso de cubelos ou torreões aplicados aos circuitos de muralhas defensivas dos povoados primitivos. Em presença desta notável descoberta que teve lugar em Vila Nova de S. Pedro (Fig. 1), pareceu-nos interessante proceder a uma análise dos restos desse tipo de construções espalhados por todo o Mediterrâneo, com o fim de procurarmos seguir a pista destas vagas aproximações.

Dentro da própria Península, é pouco vulgar em Portugal o emprego desses torreões, pois à excepção, aliás duvidosa, das ruínas situadas no Casal do Zambujal, perto de Torres Vedras, ainda por explorar

---

(1) A. do Paço e E. Sangmeister, «Castro de Vila Nova de S. Pedro. VIII — Campanha de Escavações de 1955 (19.ª)», in *Arqueologia e História*, 8.ª série, vol. VII, Lisboa 1956.

A. do Paço e E. Sangmeister, «Vila Nova de S. Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal». *Germania* 34, 1956, Heft. 3/4.

convenientemente, e onde apenas foi feita uma ligeira prospecção, nenhum outro exemplo era até hoje conhecido (1). Em Espanha, uma das quatro pequenas fortalezas do cimo da colina que domina Los Millares (Fig. 2) era reforçada com cinco ou seis torreões e rodeada por um fosso (2). Este forte, de cerca de 25 m. de diâmetro, pode comparar-se, em tamanho, ao de Vila Nova de S. Pedro. O forte n.º 3 daquele mesmo agrupamento é muito pequeno, mas tem um apêndice semicircular (3). Estes recintos fortificados são contemporâneos de Los Millares, que também possuía, como é sabido, uma muralha defensiva provida de torres (4). Uma interessante modalidade do uso destes bastiões apareceu em Campos (5), onde uma construção quadrangular em forma de casa apresenta uma torre em cada um dos cantos ainda existentes, estando o de S. O. em parte destruído (Fig. 3). Essa construção assenta no alto de um outeiro, nas proximidades do qual existem restos de outras, e o seu diâmetro, de uns 15 metros, anda aproximadamente por metade do de Vila Nova de S. Pedro ou do forte de Los Millares.

Todos estes lugares que acabamos de mencionar são geralmente considerados do período Eneolítico, ou Bronze I, e a sua data vulgarmente fixada dentro da segunda metade do 3.º milénio a. C.; será, por conseguinte, para os lugares do Próximo Oriente

---

(1) A. do Paço e E. Sangmeister, *Arqueologia e História*, 1956: ver, a pág. 112, uma lista de citações bibliográficas sobre Zambujal.

(2) L. Siret, «L'Espagne préhistorique», in *Revue des Questions Scientifiques*, Bruxelas, 1893, págs. 35-36, fig. 169. Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943, Est. 86, n.º 2, e pág. 18.

A. do Paço e E. Sangmeister, *Arqueologia e História*, 1956, pág. 113.

(3) Georg e Vera Leisner, *Op. cit.*, Est. 86, n.º 4.

(4) Descoberta durante as escavações da Primavera de 1955. Constituiu o tema de uma Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia (Burgos, 1955), pelos Drs. Martin Almagro e Arribas Palau. O relatório dessa escavação ainda não foi publicado.

(5) L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le SE. de l'Espagne*, Antuérpia, 1887.

da primeira metade do 3.º milênio que deveremos dirigir a nossa atenção, no intuito de procurarmos aí um possível termo de comparação com Vila Nova de S. Pedro e outras estações da Península. Mas, antes de procedermos a uma análise desta natureza, é conveniente determo-nos por uns momentos ante os principais tipos conhecidos de fortificações deste período. O tipo defensivo mais singelo é evidentemente o constituído por um circuito murado, ou paliçada, com um fosso em volta, ou sem ele. O desenvolvimento deste singelo sistema defensivo deu origem a uma muralha com determinados salientes, tal como se vê na conhecida muralha de Dimini; este novo tipo, que oferecia maiores vantagens aos defensores pela adopção dessas partes salientes nas muralhas, conduziu naturalmente à formação das torres ou cubelos. Ora a relação cronológica entre o uso dos salientes e o dos torreões, no Mediterrâneo Oriental, não está ainda claramente estabelecida, pois na verdade qualquer investigação acerca de fortificações do Próximo Oriente apresenta dificuldades devido à falta de elementos de estudo; os arqueólogos que se têm ocupado das escavações de Tell, por exemplo, têm dedicado maior atenção às pesquisas dentro das áreas localizadas, do que propriamente ao sistema das suas organizações defensivas. Albright afirmou: «*If all the city walls and gates of the Middle Bronze Age, which have been discovered were adequately published, it would be possible to describe the evolution of fortification in considerable detail*» (1). E isto tanto pode aplicar-se às estações do Bronze inicial como às do Bronze médio.

A Torre de Jericó, não obstante ser uma construção anterior ao terceiro milênio, apresenta um grande interesse, visto ser o mais antigo exemplar conhecido. Foi descoberta recentemente, num nível neolítico, constituindo uma sólida obra de pedra, aparentemente semicircular, e topando na parte poste-

---

(1) W. F. Albright, *Archaeology of Palestine*, 1954.

rior da grande muralha, se bem que a relação entre as duas esteja mal definida (1).

Igualmente em Tell Halaf apareceram bastiões, e Oppenheim parece inclinar-se para a convicção de eles serem do período da cerâmica pintada em diante (2). Não indica porém as medidas desses torreões, nem faz a sua descrição, e a planta que reproduz é deficiente; contudo, a regularidade da sua disposição leva a fixar-lhes uma data tardia.

No nível XVI de Mersin, que pode datar-se de cerca do ano 3.000 a. C., surgiram os primeiros indícios da fortificação do lugar (3), que têm para nós um especial interesse pelo facto de a entrada do lado N. E. ser defendida por uma torre extra-muros, com uma pequena casa da guarda interiormente (Fig. 4). Além disso as curvaturas da muralha principal eram cobertas com robustos salientes. Garstang nota que este sistema defensivo parece ser uma concepção de arquitectura militar executada em obediência a um determinado plano e finalidade, não se tendo encontrado ali, até agora, paralelo local, anterior ou contemporâneo, dentro do largo espaço abrangido pela cultura halafiense. No nível XIV do mesmo lugar existe uma torre de protecção de entrada, com uns 15m. quadrados; está ligada por um bastião mural a um sector da muralha e provida de um compartimento interior para a guarda. Essa torre, que assenta nuns alicerces de pedra, é construída de adobes. Os vestígios dela e da muralha, prolongam-se ao nível XIII.

Toy (4), sem se apoiar em qualquer citação, diz que os mais antigos muros de Babilónia, datando de cerca de 2500 a. C., tinham, segundo as descobertas das modernas explorações, cerca de 7, m10 de espessura, e eram reforçados com torres intervaladas

---

(1) K. M. Kenyon, «Excavations at Jericho». *Palestine Excavations Quarterly*, Maio/Out.º 1955.

(2) Oppenheim, *Tell Halaf*, London & New York 1933.

(3) J. Garstang, *Prehistoric Mersin. Yumuk Tepe in Southern Turkey*. Oxford, 1952, Cap. VII.

(4) A. Toy, *A History of Fortifications*, London, 1955.

de cerca de 43 m., umas mais salientes que outras, alternadamente. Um fosso defendia o conjunto.

R. A. Stewart MacAlister encontrou em Gerzer torres do tempo da primeira ocupação semítica do lugar, que datou de 2500-1800 a.C. (1). A muralha interior era de cerca de 4 m. de espessura, com torreões geralmente de uns 12,5 de largura por 7,30 de alto, a intervalos mais ou menos regulares de 27,5.

São bem conhecidos os levantamentos topográficos das sucessivas ocupações de Tróia (2), mas é útil recapitular sumariamente certas peculiaridades que nos interessam: os restos da muralha de Tróia I consistem num muro de pedra, de cerca de 2,5 de espessura, com a face exterior inclinada, o qual provavelmente constituiria a base de uma muralha construída de tijolos secos ao sol e reforçada com vigas de madeira. Ainda ali existem vestígios suficientes para nos mostrarem que o sistema defensivo possuía torres salientes, uma das quais guardava a entrada. Tróia II-a apresenta a forma de um polígono irregular com pequenas torres quadradas nos ângulos. A muralha tem 4 m. de espessura, e era construída de tijolos secos ao sol, reforçada a intervalos com vigas de madeira. Em Tróia II-c (Fig. 5), a muralha havia sido reconstruída segundo um novo alinhamento, com a entrada defendida por um enorme torreão, e com outras torres, a intervalos, ao longo dela. As datas da primeira e segunda cidades de Tróia são ainda mais ou menos controvertidas. Milošević afirma que a data indicada por Blegen para Tróia I era baseada numa cronologia presumivelmente alta para o período heládico inicial (3), e propôs então para aquela cidade a data de 2700, aproximadamente, bem como a data de 2300 para o final de Tróia II.

---

(1) R. A. Stewart MacAlister, *The Excavations of Gerzer I*, London, 1912.

(2) Vide especialmente C. Blegen, Caskey, Rawson & Sperling, *Troy*, 1950, Princeton.

(3) V. Milošević, «South Eastern Elements in the Prehistoric Civilization of Serbia». *Journal of the British School at Athens*, 1949, n.º XLIV.

O Prof. Matz (1) opinou, por sua vez, que Tróia I devia ser datada de 2600-2400, e Tróia II de 2400-2200.

As obras defensivas militares de outros lugares da Idade do Cobre, situados na Anatólia, limitam-se a «*formless scraps of enclosure wall encountered at Alishar and elsewhere*» (2).

Afonso do Paço e Sangmeister chamaram há pouco a atenção para o lugar de Chalandriani, em Siros (Fig. 6), e para a sua semelhança com Los Millares (3). Em Chalandriani o povoado ocupava o cimo de um escarpado monte, já naturalmente defendido pelas suas próprias vertentes, íngremes por todos os lados à excepção do lado N., onde o terreno desce suavemente até o mar; foram ali construídas duas muralhas. A exterior é a menos bem conservada e também a mais fraca das duas sob o ponto de vista defensivo. Construídas de pequenas pedras sem argamassa, têm uma largura de 1 m. a 1, m 10, e as mudanças de direcção são protegidas por meio de salientes; a entrada está colocada no centro, constituída por uma pequena cobertura.

A muralha interior, formada de pequenas pedras sem argamassa, é reforçada até quase 1 m., ou mais, da parte central e tem cerca de 1, m 40 de largura. A entrada única fica entre as torres C e D. Existem ali cinco torres, e provavelmente ainda uma outra do lado poente. Estão separadas de 4, m 5 a 8 m. e apresentam a forma semicircular; duas delas possuem interiormente câmaras rectangulares, e as três restantes têm câmaras com três lados rectilíneos e um curvo. Apenas duas comunicavam com o interior da acrópole; Tsountas é de opinião que nas outras três a entrada se fizesse por meio de escadas de mão.

O espaço entre as duas muralhas era de 4, m 5 a 6, m 5. Junto dos muros, especialmente entre eles e no interior das torres, havia uma grande quanti-

(1) F. Matz, *Kreta, Mykene, Troja*, Stuttgart, 1956.

(2) Seton Lloyd, *Early Anatolia*, Londres, 1956.

(3) A. do Paço e Sangmeister, *Germania* 34, 1956, pág. 229. Tsountas, *Ephemeris*, 1899, págs. 118-119. D. Fimmen, *Die kretisch-mykenische Kultur*, 1921, pág. 31, fig. 17.

dade de pequenos seixos de praia, que o explorador considerou destinados a serem arremessados directamente, ou como projecteis de funda. Atrás da muralha interior havia construções dispostas irregularmente, parecendo mesmo que algumas se prolongam por baixo dela. Os achados da acrópole foram poucos e não figuram no relatório das escavações.

A cronologia relativa das duas muralhas está por definir, mas a curiosa posição da entrada para a muralha exterior dá a ideia de que as duas não podiam ser contemporâneas.

Finalmente, devemos aludir a um grupo de fortalezas de fronteira do Egipto que, apesar de pertencerem a uma data demasiado recente para poderem ter qualquer relação com os exemplares ibéricos, formam contudo um grupo interessante. Estão localizadas na segunda catarata do Nilo e parece pertencerem à XI e XII dinastias, as quais, segundo Stock, vão desde o ano 2136 a 1781 a. C. (1). De entre dez dessas fortalezas, duas apresentam cubelos rectangulares (Matuka e Semna el Sharg), e nas outras duas são semicirculares (Ikkur e Buhen) (2), não obstante a arquitectura egípcia repudiar toda a construção que não fosse de planta rectangular.

Desta breve análise podemos concluir que o uso dos bastiões ou cubelos com finalidade defensiva não era desconhecido na região do Mediterrâneo Oriental, se bem que, por outro lado, não fosse coisa vulgar. Tais construções não estão, porém, confinadas a uma determinada zona, mas sim, de um modo geral, espalhadas por toda essa área. É todavia interessante verificar que, ao lado de todos os exemplos referidos de torres rectangulares, apenas as de Chalandriani e de Buhen apresentam a forma semicircular. Posto que exista certa irregularidade na forma das construções de Chalandriani, dando a impressão de serem copiadas de algum outro

---

(1) H. Stock, *Analecta Orientalis*, Roma, 1949. V. Miložić, *Op. cit.*

(2) S. Clarke, «Ancient Egyptian Frontier Fortresses», in *Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 3, 1916.



lugar — talvez mesmo da própria Tróia —, e d'af reproduzidas dentro da mesma tradição local de construção, apresentam contudo uma surpreendente semelhança com as de certos lugares da Ibéria. Esta semelhança é corroborada pelo facto de, em Vila Nova de S. Pedro, Afonso do Paço e Sangmeister haverem mostrado que certa cerâmica «de importação», alfinetes com cabeça em forma de vaso e um alfinete com cabeça de pássaro, tinham paralelos cicládicos <sup>(1)</sup>, propondo assim, baseados nesta afirmativa, a data apróximada de 2400 a. C. para a primeira ocupação humana daquela estação.

É muito difícil reconstituir a rota seguida pelos portadores destas influências estranhas, até Vila Nova de S. Pedro. Em Itália, Sicília, Malta e Lipari desconhecem-se lugares desta data contendo torres, e mesmo até muralhas defensivas construídas de junta seca são pouco vulgares.

A presente revisão deste tipo de construções com torres ficaria incompleta se não nos referíssemos aos Talayots das Baleares e aos Nuraghes da Sardenha. Estas edificações são difíceis de datar com precisão, mas o Nuraghe pode considerar-se como pertencente a um período confinado entre o 2.º milénio e o século V a. C. Aos Talayots (Fig. 7) atribui-se geralmente uma data à volta do ano 1000 a. C.; contudo há quem veja uma relação entre a Cultura dos Talayots e a Cultura megalítica do Eneolítico-Idade do Bronze do Sul da Península, especialmente pelo uso da falsa cúpula e lajes rectangulares nas construções <sup>(2)</sup>. Traçados como os do Nuraghe S'Uraki (Fig. 8) de San Vero Milis <sup>(3)</sup> constituem verdadeiras reminiscências de lugares ibéricos (apesar de estes de San Vero Milis serem geralmente considerados mais recentes). O contacto

---

(1) A. do Paço & Sangmeister, *Germania* 34. 1956, págs. 222, 225 e 229.

(2) L. Pericot Garcia, *La España Primitiva*, 1950, pág. 222. J. Maluquer de Motes, *História de España*, dirigida por M. Pidal. Parte V, do tomo I, vol. I, Madrid, 1947.

(3) C. Zervos, *La Civilisation de la Sardaigne*, Paris, 1954.

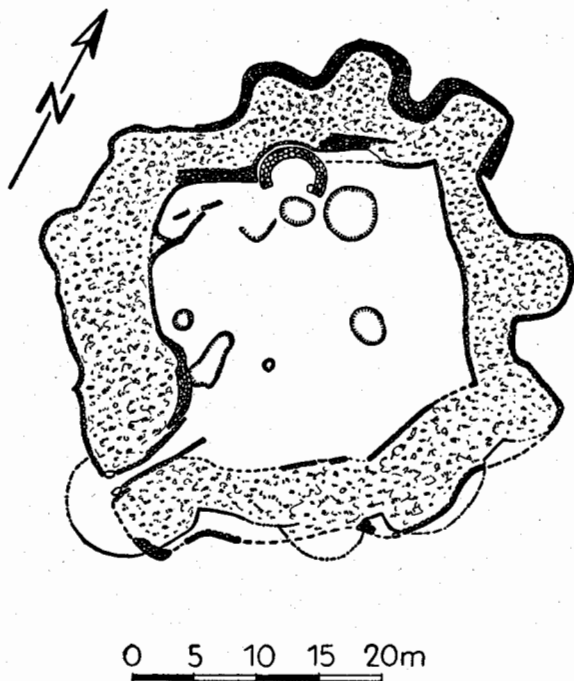


Fig. 1 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, com indicação das muralhas e seus torreões ou cubelos.

(Segundo Paço e Sangmeister)

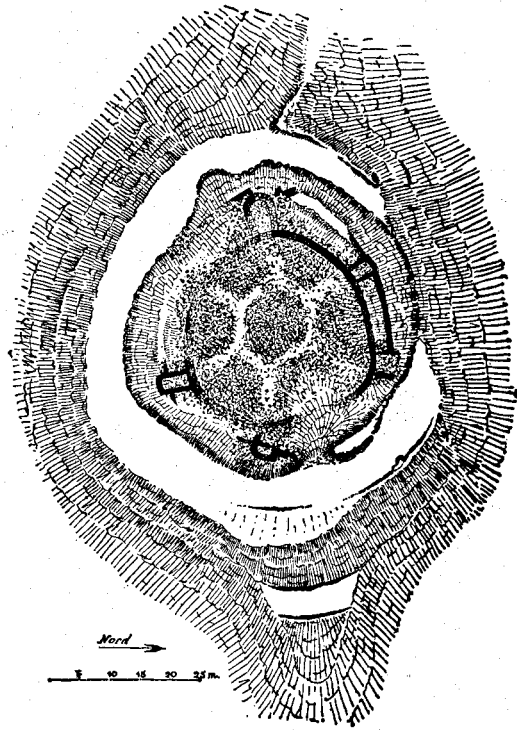


Fig. 2 — Forte n.º 1, próximo de Los Millares.

(Segundo Siret)

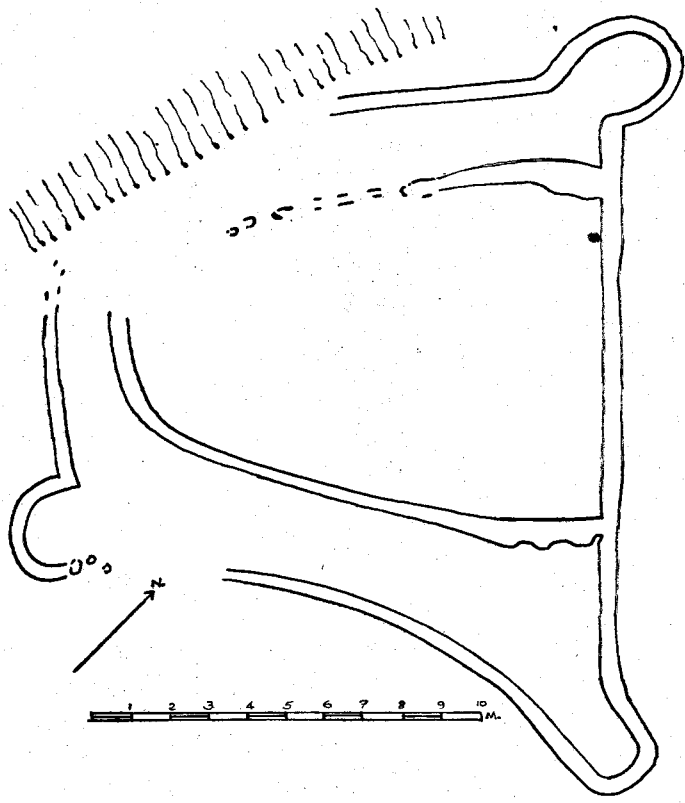


Fig. 3 — Campos.

(Segundo a planta de Siret)

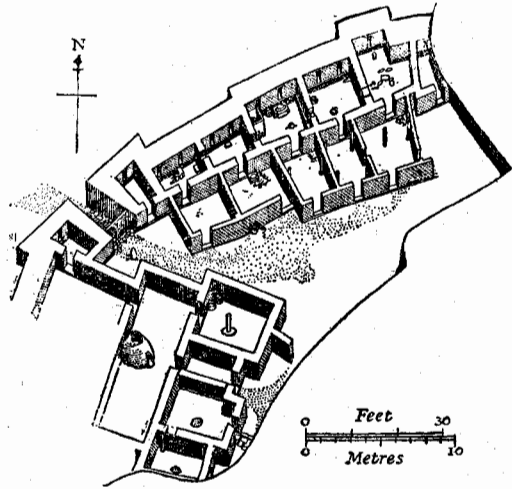


Fig. 4 — *Um pormenor da fortaleza de Mersin.*

(Segundo Seton Lloyd)

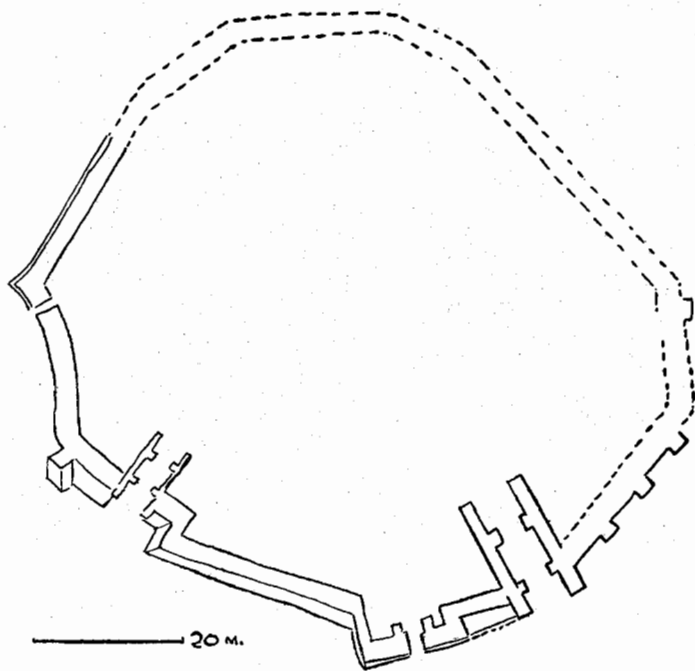


Fig. 5 — *Tróia II-c*

(Segundo Blegen)

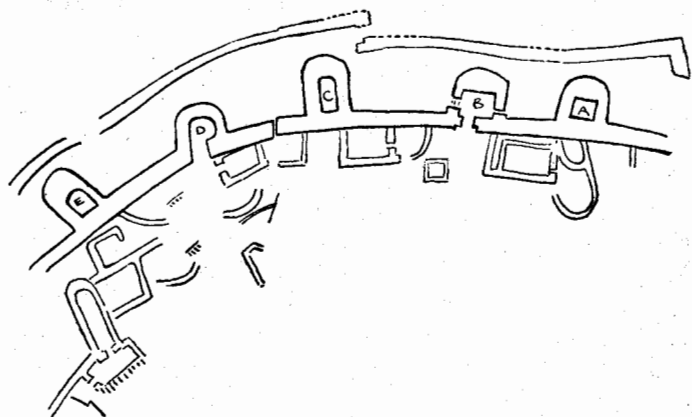


Fig. 6 — Chalandriani, em Siros. Esc. de 1:650.

(Segundo Tsountas)

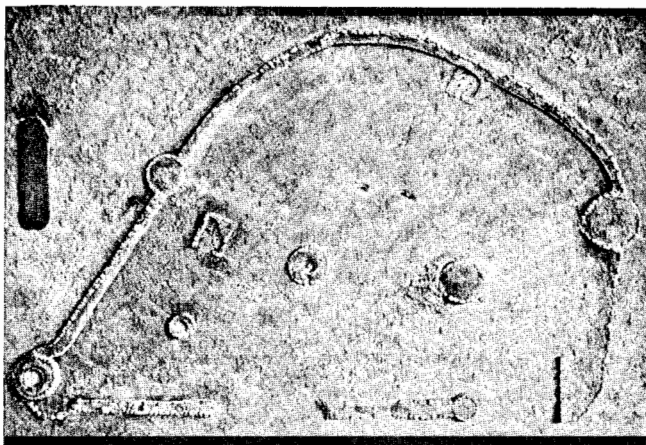


Fig. 7 — *Maqueta do povoado maiorquino d'Els Antigors, em Las Salinas, com talayots circulares flanqueando a muralha.*

(Segundo Maluquer de Motes)



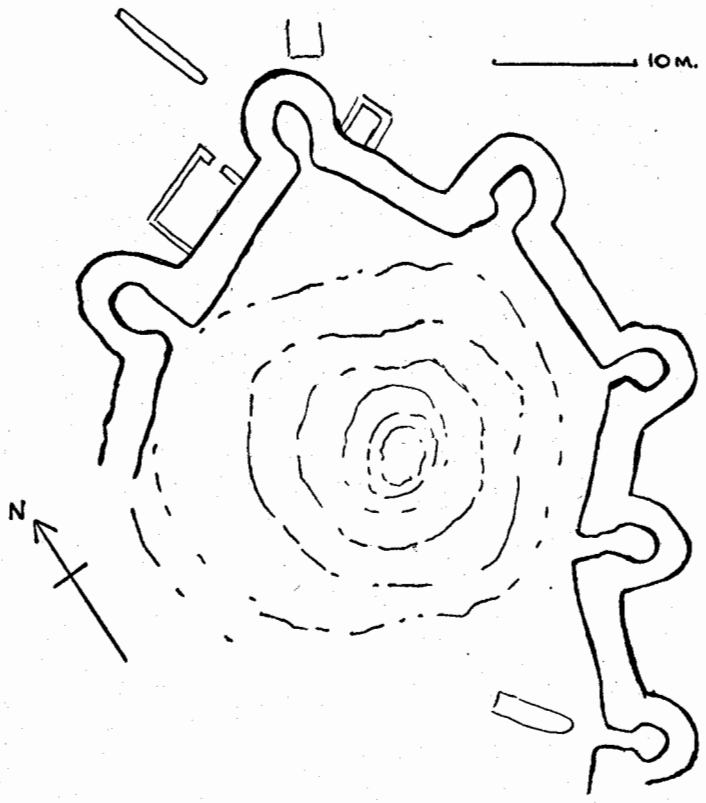


Fig. 8 - *Nuraghe S'Uraki, de San Vero Mills.*

(Segundo Zervos)

entre a Península, as Baleares e a Sardenha foi por certo estabelecido desde o tempo do Vaso campaniforme, como o mostra a sua presença na Sardenha e em Felanitx, na Maiorca, bem como os botões de osso, em forma de tartaruga, que aparecem na Sardenha.

Em conclusão: pode afirmar-se que, apesar de na Península, até ao presente, em poucos lugares terem aparecido torreões, é de esperar que futuras pesquisas mais cuidadosas no-los revelem em novas estações. No Oriente mediterrâneo, não obstante existirem lugares com tais torreões por toda essa área, eles não são numerosos, e em geral são de planta rectangular e não semicirculares, como os da Península. Chalandriani é que nos oferece o paralelo mais aproximado, e este facto é confirmado por outros paralelismos que se verificam em cerâmicas e alfinetes aparecidos tanto em Vila Nova de S. Pedro como nas Cíclades. Esta tradição da construção de torres pode ter passado da Península às ilhas da Sardenha e Baleares, sobrevivendo aí e desenvolvendo-se segundo directrizes verdadeiramente individualizadas, muito depois de tal tradição já haver cessado no continente peninsular.